T4 - Do controle social ao autocontrole[1]

Denis Salmazo, com contribuições dos grupos e do professor

O processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção específica. Este processo se associa à cada vez maior interdependência humana em sociedades mais complexas, o que exige mais sincronia e coordenação das ações, implicando em mais disciplina e autocontrole individual. Entretanto, pessoas isoladas ou grupos no passado não planejaram essa mudança com a pretensão de implementá-la gradualmente através de medidas conscientes e racionais, mas projetos e ações individuais impulsionam esse processo, que aconteceu, de modo geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem.

Como discutido com o texto anterior, o processo civilizador consiste notadamente na conversão gradual do controle efetuado por terceiras pessoas em autocontrole. Assim, as atividades humanas mais animalescas são progressivamente abandonadas e investidas de sentimentos de vergonha. A regulação da vida instintiva e afetiva vai se consolidando por um firme autocontrole.

Essa transformação ocorre porque planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse *tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou.*

Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem sui generis, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e vínculos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, subjacente ao processo civilizador.

À medida que mais pessoas sintonizavam sua conduta com a de outras, a teia de ações se organizava com mais rigor e precisão, a fim de que cada ação individual desempenhasse uma função social. O controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo como uma espécie de automatismo, uma compulsão à qual ele não podia resistir.

---

[1] Reelaboração de passagem do livro: ELIAS, Norbert (1994), O processo civilizador. Formação do Estado e civilização, volume 2, São Paulo: Jorge Zahar.

Quanto mais sofisticada for a sociedade, mais diferenciado, complexo e estável se torna o autocontrole individual. De outro lado, quanto menor a divisão de funções sociais, maior é a propensão à instabilidade e desintegração da sociedade.

Como propõe Elias, "a estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano 'civilizado', mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios é que as sociedades adquirem realmente essas características, em decorrência das quais os indivíduos que as compõem sintonizam-se desde a infância, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole; só em combinação com tais monopólios é que esse tipo de autolimitação requer um grau mais elevado de automatismo, e se torna, por assim dizer, uma 'segunda natureza'"

Esses monopólios de força criam espaços sociais pacificados e o livre uso da força física pelos mais fortes deixa de ser permitido. Desta maneira, outras formas de violência não-fisica que já existiam mas que estavam misturadas ou fundidas com a força física e tornam-se separadas, tal como a violência econômica.

Convém aqui explicar os mecanismos decisivos para a construção do comportamento civilizado. Norbert Elias destaca que, para tal, é fundamental o profundo conhecimento do período histórico da transição do sistema feudal para o sistema absolutista. Não só uma nova configuração política eclodiu nesse período, mas também inúmeras transformações psicossociais foram acontecendo na fundação dos Estados nacionais. No século XIV, desenvolve-se um processo de formação de unidade nacional na sociedade europeia ocidental. Trata-se de um fenômeno de constituição de uma administração centralizada sobre um vasto território demarcado, com formação própria de exército, língua e cultura. Toda esta construção é simultânea ao florescimento das cidades e da atividade comercial. Nesse sentido, o pensamento de Thomas Hobbes (1588-1679) pode ser útil. Este autor defende, em sua obra Leviatã, que para sair do estado de natureza, onde os homens são lobos por questões de sobrevivência, é fundamental uma organização da sociedade de tal forma que cada um abdique de seu poder em favor de um rei capaz de manter a ordem social. Para este autor, o Estado absolutista seria capaz de assegurar um comportamento social mais pacífico dos membros da sociedade.

Voltando a Elias, sua obra sugere que a consolidação dos Estados absolutistas é simultânea a concentração monopolística da violência física nos exércitos monárquicos. Assim, a insegurança que imperava na sociedade feudal foi diminuindo, já que

a nova configuração político-social conduzia a uma situação de mais ordem e tranquilidade. Esse novo quadro incuti pouco a pouco nos indivíduos novos padrões de comportamento, que exigem a incorporação de automatismos de controle e educação de seus instintos.

Dessa forma, a partir de um monopólio de força estável, as pessoas são mais protegidas contra ataques súbitos de violência física, o que contribui a tornar as sociedades mais sofisticadas, com uma maior divisão de funções e maior dependência funcional entre as pessoas. Mas ao mesmo tempo, esses indivíduos são forçados a reprimir seus impulsos emocionais e afetivos. Essa mudança "civilizadora" do comportamento pode assim causar perturbações.

À medida que mudava a estrutura das relações humanas, as organizações monopolistas da força física se desenvolviam e o indivíduo se resguardava do impacto das rixas e das guerras constantes, este último assava a sofrer as compulsões mais permanentes de funções pacíficas baseadas na aquisição de dinheiro ou prestígio. Neste processo, a manifestação de sentimentos também foi gravitando, aos poucos, para uma linha intermediária. As oscilações no comportamento e nos sentimentos não desapareceram, mas se abrandaram.

O monopólio da força não controla o indivíduo por ameaça direta (pelo menos nas fases intermediárias do processo civilizador), ele opera fazendo com que a pessoa reflita e exerça o controle sobre si própria, por temor às consequências. Em fases mais avançadas, este autocontrole ocorre graças ao uma aprendizagem que se inicia muito cedo. Desde a infância, o indivíduo é treinado para se autocontrolar e prever os resultados de seus atos. Os adultos induzem esse autocontrole, ou modelo de comportamento, nas crianças através de uma orientação, segundo o padrão socialmente aceito, sobre a boa conduta e os bons hábitos.

Neste quadro, impulsos e sentimentos apaixonados que não podem mais manifestar-se entre pessoas, passam a lutar, não menos violentamente, dentro de cada um contra essa parte supervisora de si mesmo. Dependendo da sociedade e da posição que o indivíduo ocupa, essas limitações podem acarretar uma inibição de suas emoções trazendo sentimentos constantes de tédio ou solidão para se moldar como ser "civilizado".

É interessante aqui notar que quando mais interdependentes são os indivíduos, mais eles se tornam menos sensíveis ao outro, em razão de um sentimento de individualização e de uma ideologia individualista nas sociedades modernas. Este fenômeno é portanto paradoxal, pois o aumento da interdependência entre os seres humanos leva ao reforço do individualismo.

De todo modo, não se pode prever o resultado que esse processo civilizador terá no adulto. A propósito, é possível pensar num processo civilizador individual, diferente do processo civilizador histórico. De fato, em poucos anoso indivíduo deve adquirir e interiorizar todo um conjunto de regras de convívio social desenvolvido ao longo de muito tempo. Este processo civilizador individual pode assim ter pouco ou nenhum sucesso. Do mesmo molde social podem surgir tanto os “bem-ajustados” como os “desajustados”.